

folha de rosto

Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Desiderato do Protagonismo Social na Formação do Bibliotecário Mediante o Desenvolvimento de Competências em Informação

Maria Giovanna Guedes Farias
Aida Varela Varela

ARTIGO

Resumo

Nesta comunicação argumenta-se sobre o desenvolvimento de competências, durante a formação do bibliotecário, centrada na abordagem do protagonismo social, tendo o conhecimento acadêmico como trajetória fundamental para a reorientação estratégica da profissão. Objetiva-se discorrer sobre a produção e criação de significado do protagonismo social, sobre conceitos e concepções da competência em informação e sobre a formação bibliotecária. Com base nessa fundamentação, defende-se que o estímulo ao desenvolvimento de competências possibilita ao bibliotecário antever problemas, ir além do que é evidente, mostrando-se proativo, respondendo prontamente aos questionamentos de forma solícita, dispondo-se a aprender continuamente; procurando utilizar os recursos disponíveis para obter sucesso nas atividades empreendidas, formulando estratégias, mostrando-se hábil para superar obstáculos durante a execução do seu labor. Os resultados desta revisão de literatura indicam que esforços devem ser cultivados para identificar barreiras durante a formação do bibliotecário, no sentido de introduzir os princípios do protagonismo social e, ao transcender e ressignificar a formação deste profissional para transformar e fortalecer sua atuação laboral, constrói-se uma trajetória, que requer o entendimento dos aspectos em torno do protagonismo social e a plenitude de um trabalho em conjunto com todos envolvidos no ensino da área.

Palavras-chave: Protagonismo social. Formação do Bibliotecário. Competência em Informação.

Desiderato of the social protagonism in the formation of the librarian through the development of information literacy

Abstract

This paper discusses the development of skills, during the formation of the librarian, focused on the approach of social protagonism, having academic knowledge as a fundamental trajectory for the strategic reorientation of the profession. The objective is to discuss the production and creation of meaning of social protagonism, concepts and conceptions of information competence and librarian training. Based on this reasoning, it is argued that the stimulus to the development of competences enables the librarian to anticipate problems, to go beyond what is evident, to be proactive, to respond promptly to the questions in a caring way, being prepared to learn continuously; seeking to use the available resources to succeed in the activities undertaken, formulating strategies, and being able to overcome obstacles during the execution of its work. The results of this literature review indicate that efforts should be made to identify barriers during the formation of the librarian in order to introduce the principles of social protagonism and, by transcending and re-signifying the formation of this professional to transform and strengthen his work performance, a path that requires the understanding of the aspects around the social protagonism and the fullness of a work together with all involved in the teaching of the area.

Keywords: Social protagonism. Formation of the Librarian. Information Literacy.

1 Introdução

Ser protagonista é valorizar seu próprio saber, seja ele proveniente de formação acadêmica ou do senso comum, é participar de forma ativa do espaço público, ser capaz de expressar seus desejos, suas ideias, refletir sobre sua atuação na sociedade de forma crítica, é ser capaz ainda de se autocriticar. Para Luiz (2009) é participar das práticas sociais desenvolvidoras de possibilidades emancipatórias, que contribuem para a construção de uma nova cultura e de uma visão crítica do mundo, mas para isso é preciso lutar contra pensamentos arraigados e deslocados historicamente pela tutela dos que manipulam o

conhecimento e o acesso a ele. Destarte, atingir o protagonismo social significa tornar-se um sujeito em sua plenitude, participar ativamente de processos decisórios, consumir e produzir, ser mediador e mediado das e pelas práticas sociais, como explicam Farias e Varela (2017).

O desiderato do protagonismo social na formação do bibliotecário ocorre, a partir da percepção de que, o avanço das inovações tecnológicas afeta intensamente a atuação do bibliotecário, ao estruturar novos serviços, procedimentos e processos de trabalho, ressignificando assim, sua área de atuação. Para atender as exigências de um mercado cada vez mais dinâmico e conectado a estas inovações, é requerido do bibliotecário o desenvolvimento de competências em informação, que o torne potencialmente apto a assumir tais exigências, como já vem sendo disseminado pela literatura da Biblioteconomia e da Ciência da Informação.

Conforme Rocha e Araújo (2007) as principais competências em informação requeridas do bibliotecário têm como foco a educação continuada, qualificação frente às tecnologias de comunicação e informação (TIC), domínio de outros idiomas, capacidade de identificar as necessidades informacionais do usuário de forma ágil e precisa, com ênfase em uma postura ética, o que requer atitude proativa do bibliotecário no mercado de trabalho, atualização, postura gerencial e compromisso contínuo com o usuário. Essa postura ética, profissional e proativa demonstra a emergência em se compreender a noção de competências em informação no trabalho e na educação e sua efetiva aplicação.

Nesta comunicação, a perspectiva do desenvolvimento de competências durante a formação do bibliotecário está centrada na abordagem em torno do protagonismo social, tendo o conhecimento acadêmico como trajetória fundamental para a reorientação estratégica da profissão.

2 Protagonismo social: produção e criação de significado

O protagonista saiu da categoria de figurante e passou a desempenhar o papel principal em uma trama. O termo é proveniente do grego *πρωταγωνιστής*, se constituindo da junção de duas palavras: *πρώτος* que significa principal e *αγωνιστής* tradução de ator, lutador. Empregando em nossa realidade, seria o ator principal de práticas sociais, culturais e históricas, que lutam pelo coletivo a partir de bases éticas e morais. Atualmente, o termo protagonista foi incorporado, conforme Perrotti e Pieruccini (2007), por movimentos de resistência, reivindicação populares e em diversos processos sociais e educacionais, com objetivo de mostrar que o protagonismo possibilita aos seus sujeitos uma atuação central nos contextos históricos e coletivos. Esse caráter de coletivo, de resistência, atribuído ao termo protagonismo também é ressaltado por Klein (2009, p. 10) ao esclarecer que “[...] protagonismo é um conceito cujo significado é relacional, na medida em que só pode ser compreendido em relação aos diferentes sujeitos, envolvidos num acontecimento.”

Destarte, o protagonismo tem relação conceitual com o sócio-interacionismo e com o paradigma social da CI ao deslocar seus atores para o papel principal, por revelar uma dimensão pessoal e ao mesmo tempo plural de convivência com o outro, com a comunidade a qual pertence, promovendo ações de diversos níveis, inclusive informacionais, e potencializado uma dinâmica social e cultural no seu contexto, e na sociedade. Para tanto, a dinamização ocorre por meio da intervenção, ao implantar ações que podem ajudar o protagonista a se apropriar da informação em um movimento de produção de conhecimento e de cultura, e nessa relação os protagonistas tornam-se, como explicam Perrotti e Pieruccini (2007, p.70), simultaneamente sujeitos e objetos dos processos em que estão inseridos, produtores e criadores de significados, sentidos e práticas sociais.

Para tal intento é preciso alcançar a emancipação social, que, segundo Luiz (2009, p. 70), “[...] possui várias dimensões humano-sociais, como: o acesso ao trabalho e remuneração dignos, formação profissional, dimensão subjetiva do ser humano, a vida social e política, cultural, entre outras”.

Corroboramos com Fontana et al. (2002), de que é preciso haver uma ruptura histórica, mas para isso, devemos analisar cada situação a partir das nossas capacidades de produção, de intervenção e (re)apropriação do mundo através de uma das características do protagonismo social, o conhecimento ético de formas concretas de existência. Nessa perspectiva, os protagonistas precisam ainda agir comunicativamente como “[...] falantes e destinatários, nos papéis da primeira e segunda

pessoa, no mesmo nível do olhar. Contraindo uma relação interpessoal, na qual se entendem sobre algo no mundo objetivo e admitem os mesmos referentes mundanos” (HABERMAS, 2002, p. 53).

Nesse processo, conforme Farias (2014), o sujeito pode se manter e até mesmo expandir sua identidade cultural e os valores a ela agregada, o que possibilita uma melhor compreensão da realidade social que o cerca e as relações/laços que constituem seu mundo, a exemplo do mundo do trabalho, da formação profissional, da família, dos amigos, da comunidade em geral. Esses mundos podem se constituir em estágios do protagonismo social, a exemplo da formação do estudante de Biblioteconomia, que ao se empoderar do conhecimento disseminado, das informações, ações e processos durante sua trajetória dentro da universidade, pode entrar no mercado de trabalho com uma visão de sujeito que está no mundo e dele participa ativamente.

Desse modo, o perfil de bibliotecário protagonista é aquele que reflete sobre as atividades desempenhadas, procurando com criatividade, empreendedorismo e paciência aplicar suas competências em informação nos serviços desempenhados, por exemplo, nas unidades de informação, introduzindo aos poucos o sentido de autonomia nos usuários para a busca e o acesso à informação.

3 Competência em informação: conceitos e concepções

O desenvolvimento de competências em informação durante a formação do bibliotecário pode se constituir como um mecanismo para se alcançar o protagonismo social, uma vez que, conforme Dudziak (2003, p. 28), as competências são definidas como um “[...] processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessário à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida.” A partir da análise da evolução do conceito, a autora aponta três concepções de *information literacy*: a concepção da informação (com ênfase na tecnologia da informação); a concepção cognitiva (ênfase nos processos cognitivos); a concepção da inteligência (ênfase no aprendizado). Tais concepções determinam diferentes níveis de complexidade:

- a) **ênfase na tecnologia da informação** - prioriza a abordagem do ponto de vista dos sistemas, com o aprendizado de mecanismos de busca e uso de informações em ambientes eletrônicos. Limitado ao simples aprendizado de habilidades e conhecimentos instrumentais, praticamente mecânicos, tem como foco o acesso à informação. Associada à sociedade da informação, marcada pela forte influência da tecnologia, o conceito de competência em informação é definido como a pesquisa, estudo e aplicação de técnicas e procedimentos ligados ao processamento e construção de informações com base no desenvolvimento de habilidades, no uso de ferramentas e suportes tecnológicos;
- b) **ênfase nos processos cognitivos** - muitos autores relacionam à competência em informação aos processos de busca da informação para construção de conhecimento. Envolvendo uso, interpretação e busca de significados, dentro da perspectiva da sociedade do conhecimento, procura-se a construção de modelos mentais, não apenas respostas às perguntas. O foco está no indivíduo, em seus processos de compreensão da informação e seu uso em situações particulares;
- c) **ênfase no aprendizado ao longo da vida** - alguns autores relacionam a competência em informação ao aprendizado, considerando que a *information literacy* deveria englobar, além de uma série de habilidades e conhecimentos, a noção de valores ligados à dimensão social e situacional. A construção de redes de significados, a partir do que os aprendizes leem, ouvem e refletem constitui o que se chama de estrutura de aprendizado, essencial à extrapolação do entendimento (DUDZIAK, 2003, p. 30).

A ênfase empregada por Perrenoud (1999) para a noção de competência está direcionada para a capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, colocando em ação e em sinergia vários recursos cognitivos complementares, entre os quais estão os conhecimentos, representações da realidade, que construímos e armazenamos a partir de nossa experiência e de nossa formação. O autor explica que uma competência não se configura pela implantação de forma racional, pura e simples de conhecimentos, de modelos de ação e de procedimentos, trata-se de um processo de construção inseparável da:

[...] formação de esquemas de mobilização dos conhecimentos com discernimento, em tempo real, ao serviço de uma ação eficaz. Ora, os esquemas de mobilização de diversos recursos cognitivos em uma situação de ação complexa desenvolvem-se e estabilizam-se ao sabor da prática. No ser humano, com efeito, os esquemas não podem ser programados por uma intervenção externa. Não existe, a não ser nas novelas de ficção científica, nenhum "transplante de esquemas". O sujeito não pode tampouco construí-los por simples interiorização de um conhecimento procedimental. Os esquemas constroem-se ao sabor de um treinamento, de experiências renovadas, ao mesmo tempo redundantes e estruturantes, treinamento esse tanto mais eficaz quando associado a uma postura reflexiva. [...] Uma competência com uma certa complexidade envolve diversos esquemas de percepção, pensamento, avaliação e ação, que suportam inferências, antecipações, transposições analógicas generalizações, apreciação de probabilidades, estabelecimento de um diagnóstico a partir de um conjunto de índices, busca da informações pertinentes, formação de uma decisão, etc (PERRENOUD, 1999, p. 7-25).

A ideia de construção de esquemas complexos de mobilização para se gerar competências de Perrenoud, entra em consonância com a definição de Kuhlthau (1999, p. 10), quando ela diz que competência é a habilidade de construir sentido por si mesmo, em um ambiente rico em informação, e para isso a autora esclarece que, para ser competente na sociedade da informação é preciso aprender a aprender no ambiente tecnológico, o que envolve: habilidade de aprender em situações dinâmicas, onde a informação está em constante mudança; habilidade de gerenciar grande quantidade de informação, quando a determinação do que significa informação suficiente é tão importante quanto localizar e selecionar informação relevante; habilidade de encontrar significado por meio da produção de sentido em mensagens diversas e numerosas, que geralmente não se encontram organizadas previamente em textos; e por fim, habilidade de construir um entendimento próprio a partir de informação incompatível e inconsistente.

É mais do que uma soma de atributos, competência é para Dudziak (2005, p. 1) “[...] um processo que se renova constantemente e implica na mobilização adequada de conteúdos interligados, quais sejam, conhecimentos, habilidades e atitudes.” Em seus estudos, a autora registra a existência de diferentes níveis de competências informacionais:

Nível básico: organizar e localizar a informação, desenvolver habilidades no uso de ferramentas informacionais e tecnológicas, ou seja, obter domínio pleno na alfabetização digital; nível secundário: usar tecnologia, buscar informações, localizar, organizar, transformar em conhecimento, pensar sistematicamente, acionar processos cognitivos incorporando habilidades e conhecimentos construídos por meio da reflexão; nível complexo: construir significados a partir da informação, do conhecimento e do aprendizado (dimensão informacional, cognitiva, atitudinal e valorativa, conhecimentos acrescidos da noção de valores) (DUDZIAK, 2007, s.p).

Com base nessas concepções, inferimos que se trata, inicialmente, da compreensão de uma verdadeira “alfabetização digital”, o que envolve cinco tipos de competências, consideradas básicas para a sobrevivência na era do conhecimento, onde a internet parece ser um diferencial marcante: aprender a manipular símbolos, aprender a colaborar, aprender a usar a informação, aprender a resolver problemas e aprender a aprender (BELLUZZO, 2007, p. 40). Conforme Varela (2011), vivemos em movimento permanente de aprendizagem, por meio de construções e transformações que realizamos, modificando-nos continuamente, à medida que nossas necessidades informacionais, cognitivas, afetivas e sociais são atendidas, o que transforma nosso modo de conhecer, refletir, proceder e de nos comportarmos em relação ao mundo.

A competência em informação foi conceituada por Bruce em 1997, como a habilidade em acessar, avaliar, organizar e usar a informação a fim de aprender, resolver problemas, tomar decisões em contextos formais e informais de aprendizagem, no trabalho, em casa e em ambientes educacionais, ligada ao pensamento crítico e reflexivo. Um sujeito competente em informação sabe determinar a natureza e a extensão da informação necessária; acessa-a de forma eficaz e eficiente; avalia as informações e suas fontes criticamente, e incorpora informações selecionadas em sua base de conhecimento e sistema de valores. O autor concebeu a competência em informação em sete fases, descritas a seguir:

- a) **concepção tecnológica da informação**: essa categoria identifica uma forma de experimentar a competência em informação, que é dependente da disponibilidade e usabilidade da tecnologia da informação. Pessoas capacitadas em informação, quando veem este caminho são aquelas que examinam o ambiente de informação para atingir um alto nível de consciência da informação. É possível experimentar a competência em informação, de acordo com este ponto de vista quando se é membro de uma comunidade que apoia o uso da tecnologia. Onde a capacidade de usar a tecnologia da informação recai sobre os indivíduos, a competência em informação torna-se uma meta inatingível. Na categoria seguinte, a atenção do usuário da informação muda de tecnologia da informação para as fontes de informação;

- b) **concepção das fontes de informação:** a competência em informação é vista como forma de encontrar a informação localizada em fontes de informação, sendo também experimentada em termos de conhecimento das fontes de informação e da capacidade de acessá-las de forma independente ou através de um intermediário. As fontes podem estar em uma variedade de meios, incluindo o eletrônico, e podem ser pessoas. Orientações diferentes para o problema da recuperação de informações dão origem a três subcategorias: conhecer as fontes de informação e sua estrutura; conhecer as fontes de informação e usá-las de forma independente, flexível ou através de um intermediário;
- c) **concepção do processo de informação:** a competência em informação é vista como a execução de um processo. Nesta categoria, os processos de informação são as estratégias implementadas por usuários da informação, confrontando uma situação nova, em que eles experimentam uma falta de conhecimento (ou informação). Como a maneira pela qual, a informação deve ser usada é muito mais uma consideração nesta experiência, o uso de informações constitui o próximo nível de consciência. A tecnologia da informação não é uma característica importante desta experiência. É, por conseguinte, localizada no domínio externo da consciência. Essencialmente, a competência em informação é vista como a habilidade para confrontar e lidar com novas situações, com base em um processo para encontrar e utilizar a informação necessária. A natureza precisa do processo, entretanto, varia de pessoa para pessoa. Uma ação eficaz, solução de problemas ou tomada de decisão é o resultado dessa experiência;
- d) **concepção do controle da informação:** a competência em informação é vista como controladora da informação. Neste controle da informação, a experiência é o foco da atenção. Há três subcategorias que refletem diferentes formas de controle: controle da informação é estabelecido usando armários; controle da informação é estabelecido usando o cérebro ou a memória através de várias formas de vínculos e associações; controle da informação é estabelecido com o uso de computadores para permitir o armazenamento e recuperação. A organização da informação, neste contexto, é sobre o armazenamento de informações, geralmente documentos, de uma forma que garanta a recuperação fácil. Todas as informações são selecionadas com base em seu valor provável para uso futuro em pesquisas ou no ensino, por exemplo. O uso da informação, portanto, constitui o segundo nível de consciência. Pessoas competentes em informação são vistas como aquelas que podem usar vários meios de comunicação, para levar informações dentro de sua esfera de influência, de modo que possam recuperá-la e manipulá-la quando necessário;
- e) **concepção da construção do conhecimento:** a competência em informação é vista como a criação de uma base de conhecimento pessoal em uma nova área de interesse. Neste e nos posteriores tipos de experiência, o uso da informação torna-se o foco de atenção. O uso crítico da informação, com o objetivo de construir uma base de conhecimento pessoal é a característica distintiva desta concepção. A informação, nesta concepção, torna-se um objeto de reflexão e aparece para os usuários individuais em maneiras originais, levada em um 'fluído' ou caráter "subjetivo". O usuário da informação é envolvido na avaliação e análise, ao passo que a informação apresenta-se exclusivamente para o utilizador;
- f) **concepção da extensão do conhecimento:** a competência em informação é vista como trabalho, com o conhecimento e perspectivas pessoais adotadas visando que novos conhecimentos sejam adquiridos. O uso da informação, envolvendo a capacidade de intuição, ou *insight* criativo, é a característica distintiva desta experiência. Tal intuição ou *insight* geralmente resulta no desenvolvimento de novas ideias e soluções criativas. A base de conhecimento é reconhecida pelos participantes como sendo uma parte essencial desta forma de conceber, ou experimentar, a competência em informação. O uso da informação continua a ser o foco de atenção, mas não visa à construção do conhecimento, e sim a extensão deste. A capacidade para intuição é vista como necessária por permitir que a informação seja utilizada desta forma. A base do conhecimento é diferente da categoria anterior na medida em que inclui o conhecimento adquirido através da experiência pessoal;
- g) **concepção da sabedoria:** a competência em informação é vista como uso da informação de forma sábia, para o benefício de outros, o que envolve a adoção de valores pessoais. Uso inteligente de informações ocorre em uma variedade de contextos, incluindo exercer julgamento, tomada de decisões e fazer pesquisa. Utilizar a informação com sabedoria pressupõe uma consciência de valores pessoais, atitudes e crenças. Trata-se de colocar as informações em um contexto mais amplo, e vê-lo à luz da experiência mais abrangente, por

exemplo, historicamente, temporariamente, sócio-culturalmente. Quando a informação é vista dentro de um contexto maior e da própria experiência de vida de alguém, pode, então, ser usada de forma qualitativamente diferente. A consciência dos valores pessoais e éticos é necessária para permitir que a informação possa ser usada nesta perspectiva da sabedoria (BRUCE, 1997, p.144-145, tradução nossa).

As definições de cada concepção apresentada levam ao entendimento de que a competência em informação tem, segundo Feres e Belluzzo (2009, p. 80), como “[...] referenciais à compreensão da informação e de sua abrangência, em busca da fluência e das capacidades necessárias à geração do conhecimento novo e sua aplicabilidade ao cotidiano das pessoas e das comunidades ao longo da vida”. Por promover a produção de conhecimento, a competência em informação é, conforme Varela, Barbosa e Farias (2013, p. 177), considerada um processo de aprendizagem, desde que esse processo seja realizado de forma consciente, reflexivo e contextualizado, motivando o sujeito a aprender a pensar, ou seja, a internalizar “[...] conceitos, procedimentos, atitudes e valores, consistindo em mudanças cognitivas, relativamente, permanentes, resultantes das inter-relações entre a nova informação, a reflexão e a experiência prévia”.

A *American Library Association* (ALA, 1989, p. 1) em seu *Report of the Presidential Committee on information literacy: Final report* traz a definição de competência em informação:

Para ser competente em informação a pessoa deve ser capaz de reconhecer quando precisa de informação e possuir habilidade para localizar, avaliar e usar [o conhecimento transformado pela informação]. Para produzir esse tipo de cidadania é necessário que escolas e faculdades compreendam o conceito de competência em informação e o integrem em seus programas de ensino e que desempenhem um papel de liderança preparando indivíduos e instituições para aproveitarem as oportunidades inerentes à sociedade da informação. Em última análise, pessoas que têm competência em informação são aquelas que aprenderam a aprender. Essas pessoas sabem como aprender porque sabem como a informação está organizada, como encontrar informação e como usar informação, de tal forma que outros possam aprender com elas.

A partir da definição da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) em relação às habilidades em tecnologias de informação e comunicação para aprender, podemos entender como ocorre o processo de saber aprender. Para a OCDE (2006), as habilidades em TIC são as que combinam atividades cognitivas e de ordem superior, com habilidades funcionais para o uso e manejo das aplicações. Nessa perspectiva, OCDE (2006) define habilidades e competências no século XXI, como aquelas necessárias para que os jovens se tornem cidadãos da sociedade do conhecimento. De acordo com a Organização, esta definição é fundamental para que esta temática se faça presente nos debates educativos entre pesquisadores e autoridades na área de educação, uma vez que não existe um acordo a respeito de um conjunto específico de habilidades e competências, muito menos sua definição.

Feres e Belluzzo (2009, p. 79) resumem as concepções da competência em informação em: **digital**, com ênfase na tecnologia da informação e da comunicação; **informação propriamente dita**, com ênfase nos processos cognitivos; e **social**, concepção com ênfase na inclusão social, uma visão integrada de aprendizagem ao longo da vida e exercício de cidadania. Feres e Belluzzo (2009, p. 82) explicam que essas concepções direcionam-se para o exercício da cidadania, para o ser social, “[...] onde o emissor/receptor do fluxo de informação é considerado como um ser inserido em uma dimensão social e ecológica de aprendiz, na busca de uma identidade pessoal e autônoma a partir de sua ação enquanto transformador social”. Concluímos que para se chegar de fato à promoção de competências em informação, precisamos, antes, estar conscientes do que Marteleto e Valla (2003, p. 16), chamam de construção compartilhada do conhecimento, um conceito e “[...] um caminho metodológico nascido da busca por um novo paradigma teórico-epistemológico para se compreender e se efetivar a relação entre acadêmicos, intelectuais, técnicos e representantes do poder público com a população”.

4 Formação bibliotecária: competência e protagonismo social

O sistema educacional brasileiro passou a adotar os parâmetros de competência em todos os níveis de ensino a partir da promulgação da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). A Resolução 19, de 13/3/2002, do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior (CNE/CES) regulamentou e a LDB prescreveu as competências **gerais** que visam gerar produtos a partir dos conhecimentos adquiridos e divulgá-los; formular e executar políticas institucionais; elaborar, coordenar, executar e avaliar planos, programas e projetos; utilizar racionalmente os recursos disponíveis; desenvolver e utilizar novas tecnologias; traduzir as necessidades de indivíduos, grupos e

comunidades nas respectivas áreas de atuação; desenvolver atividades profissionais; autônomas, de modo a orientar, dirigir, assessorar, prestar consultoria, realizar perícias e emitir laudos técnicos e pareceres; e responder a demandas sociais de informação produzidas pelas transformações tecnológicas que caracterizam o mundo contemporâneo (VARELA; BARBOSA, 2012).

Já as competências **específicas** têm como objetivo interagir e agregar valor aos processos de geração, transferência e uso da informação, em todo e qualquer ambiente; criticar, investigar, propor, planejar, executar e avaliar recursos e produtos de informação; trabalhar com fontes de informação de qualquer natureza; processar a informação registrada em diferentes tipos de suporte, mediante a aplicação de conhecimentos teóricos e práticos de coleta, processamento, armazenamento e difusão da informação; e realizar pesquisas relativas a produtos, processamento, transferência e uso da informação.

As competências sugeridas pelo CNE/CES são, segundo Varela e Barbosa (2012), de caráter genérico, por isso, se torna difícil uma comparação mais acurada com outros parâmetros de competência, por isso, devido a sua abrangência é possível enquadrar a maioria das competências relacionadas pela literatura da área de Biblioteconomia. Para as autoras, no entanto, não aborda as competências relacionadas ao eixo estratégico da informação, tais como: dominar o conceito econômico da informação, conhecer o mercado, conhecer técnicas de monitoramento informacional, conhecer o negócio da organização; conhecer o contexto político e econômico; senso empreendedor etc., ou seja, os parâmetros não têm uma abordagem para as bibliotecas e centros de documentação especializados, aos quais cabe gerenciar as informações científicas, tecnológicas, econômicas e sobre negócio, que dão suporte às organizações especializadas.

Também não se aprofundam nas competências essenciais ao bibliotecário escolar, tais como: teoria e técnicas de letramento, de leitura e de didática, como também não evidenciam outras competências a exemplo das teorias e técnicas de relacionamento interpessoal, senso de autonomia e ética. As competências em tecnologia são consideradas competências gerais, embora o bibliotecário utilize sistemas especiais e especialistas (para indexação, por exemplo), estudos bibliométricos e de frequência de informação (sistemas de *data mining* e *dataware house*). As competências sobre fontes de informação não são exploradas de forma profunda, pois, considerando que este é um dos pilares da profissão, deveriam ser mais detalhadas (VARELA; BARBOSA, 2012, p.89).

As deficiências apontadas têm explicação no fato de que, historicamente, a formação do profissional bibliotecário tem privilegiado as técnicas de controle e disseminação da informação, mediante tratamento do acervo. Segundo Ramos (2002, p. 190), a legislação educacional brasileira segue a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e classifica as competências em básicas, genéricas e específicas, havendo uma predominância das competências técnicas nesta abordagem:

As competências básicas são resultantes da educação básica e constituem as habilidades de leitura, escrita, comunicação oral, matemática básica etc.; as competências genéricas estão relacionadas com habilidades técnicas genéricas, isto é, que são desempenhadas por profissionais em segmentos diversos, tais como, operar equipamentos e ferramentas, executar processos, ou entabular negociação, fazer planejamento, manter controle e interação com o cliente; as competências específicas são aquelas relativas ao desempenho de ocupações específicas e, por isso, dificilmente transferíveis, como por exemplo, a operação de máquinas de controle numérico, acompanhamento de pacientes, elaboração de estudos financeiros etc (RAMOS, 2002, p. 190).

Numa visão pragmática, Le Boterf (2003, p. 37-38) pondera que a manifestação das competências gira em torno da capacidade que o profissional tem em administrar uma situação complexa, numa referência à complexidade dos processos do trabalho na atualidade, por isso, o papel do profissional será o de traçar e executar um percurso, ou seja, elaborar e conduzir um projeto, considerando “[...] o campo de forças e as imposições diversas e, às vezes, opostas, que constituem a complexidade”. Cada fase cria uma situação nova que deve ser avaliada para dar origem a um novo percurso. Na execução do percurso, o profissional lança mão de vários recursos e processos.

Le Boterf (2003) desenvolveu um esquema que demonstra a operacionalização das competências, e se projetado e aplicado às atividades do bibliotecário em uma situação de trabalho se obtêm os seguintes parâmetros:

Saber agir com pertinência - o bibliotecário deve adquirir competência para agir em uma situação profissional complexa tal como na organização e administração de uma biblioteca, quando tem de aplicar métodos e técnicas gerenciais, procedimentos biblioteconômicos e soluções de tecnologias da informação e da comunicação, viabilizando soluções para gerir os recursos disponíveis e os acervos, tornando-os acessíveis a sua comunidade, cumprindo a missão da biblioteca.

Saber mobilizar saberes e conhecimentos em um contexto profissional - a administração deste serviço exige dele a mobilização de conhecimentos teórico-práticos tais como: desenvolvimento de coleções, representação descritiva (catalogação), representação de conteúdo (classificação e indexação), referência (técnicas recepção e abordagem do usuário), acesso a fontes de informação, estratégia de busca de informação em fontes impressas, bancos de dados digitais e na internet; disseminação da informação, armazenamento, preservação do acervo etc.

Saber integrar ou combinar saberes múltiplos e heterogêneos - o bibliotecário deve adquirir competência para criar o sistema de informação para o gerenciamento do acervo, no qual estão integrados conhecimentos biblioteconômicos de desenvolvimento de coleções, de representação descritiva e de conteúdo, inclusive novas formas de representação digital da informação e técnicas de busca, recuperação e disseminação da informação, além do conhecimento teórico-prático de informática; o bibliotecário deve saber lançar mão de todos os recursos teóricos e técnicos de seu tempo; por isso o bibliotecário contemporâneo deve saber elaborar o portal de sua biblioteca e nele divulgar informações sobre políticas de acesso e uso da biblioteca, eventos, novas publicações etc.; deve também saber elaborar serviços de alerta para o usuário, enviando-o para seu e-mail ou lista de discussão.

Saber transpor - ele deve estar apto a superar os esquemas de sua área de conhecimento, por exemplo, transpondo técnicas de organização de bibliotecas físicas para organizar informações em bibliotecas virtuais; transferir, adaptar as técnicas de sistematização da informação, usando metadados, indexação e busca em meio digital; deve saber transpor as barreiras do meio físico, por exemplo, digitalizando acervos para compor bases de dados digitais acessíveis à distância; ou mesmo transformando o catálogo impresso em base de dados digital e hospedando-o na internet para que esteja acessível ao público.

Saber aprender e aprender a aprender - os exemplos acima mencionados, nos quais o profissional utiliza-se de conhecimentos teórico-práticos para transformar acervos físicos em acervos digitais é uma forma de aprendizagem com o meio e com seu tempo.

Saber envolver-se - o profissional deve ser estimulado a reconhecer os limites das técnicas e dos equipamentos, ou seja, ele deve ter senso crítico para saber que os conhecimentos, técnicas e equipamentos mobilizados em sua ação não se encerram em si mesmos; a biblioteca tem uma função social a cumprir e a meta é atingir o usuário; se o bibliotecário atua em uma biblioteca pública ou escolar sua meta deve ser contribuir para melhorar os níveis educacionais, caso contrário a biblioteca não tem sentido; se é uma biblioteca especializada, ele tem o desafio de ajudar a organização a cumprir seus objetivos e metas; o bibliotecário deve saber empreender, por exemplo, elaborando projetos de modernização e de captação de recursos, para atualizar e ampliar o acervo, melhorar os recursos tecnológicos, reformar instalações e criar serviços customizados para o usuário; enfim, o bibliotecário deve ir além do prescrito, indo ao encontro das necessidades do seu usuário, ainda que este não reconheça estas necessidades, como costuma acontecer com o usuário da biblioteca pública e mesmo da escolar (LE BOTERF, 2003).

Os parâmetros construídos por Le Boterf evidenciam a necessidade de mudanças no perfil do bibliotecário. Varela e Barbosa (2012) sugerem que esse profissional se torne apto a gerir e processar os serviços intensivos em TIC, e para tal, as transformações devem ocorrer na base da formação do bibliotecário, por meio da indução de competências gerais e específicas, conhecimentos e saber-fazer apropriados à demanda da sociedade contemporânea.

Ainda nesta mesma linha de pensamento, as autoras refletem que o bibliotecário deve: perceber seu papel de processador e filtrador da informação e utilizá-lo de forma coerente e eficiente, voltado para o usuário; estar atento à velocidade com que as transformações acontecem atualmente, colocando-o diante da necessidade de pautar suas referências não somente naquilo que o passado oferece como garantias ou tradições, mas, principalmente no que diz respeito ao futuro. Para que esses ideais sejam concretizados, Varela e Barbosa (2012) recomendam a todos os envolvidos no processo de formação do bibliotecário, professores e estudantes:

- a) desenvolver conhecimentos especializados, habilidades e atitudes profissionais que potencializem a emergência de competências gerais e especializadas inerentes à sua área de atuação e seu entorno;

- b) transcender as estratégias meramente econômicas, focando-se no princípio de formação integral e integradora do indivíduo e dele com o ambiente, tendo como pilar de sustentação as demandas sociais e a função social da profissão do bibliotecário;
- c) promover o desenvolvimento cognitivo e o domínio de conteúdos e metodologias profissionalizantes especializados do campo da Biblioteconomia, da Ciência da Informação e de áreas do conhecimento correlatas, de modo a que venham a solidificar a formação do profissional e expandir sua visão crítica sobre a pluridisciplinaridade e complexidade que envolvem os fatos que se desenrolam nas tramas do mundo.

Destarte, durante a formação do bibliotecário devem ser utilizadas prerrogativas que incentivem o protagonismo social neste profissional, refletindo sempre na direção dos atuais paradigmas utilizados pelas empresas/mercado de trabalho na seleção de pessoal qualificado para atuar nas mais diversas áreas e atividades. Neste aspecto, podemos pensar no desenvolvimento de competências em informação, no empoderamento das informações e no empreendedorismo, como características de quem deseja caminhar com o objetivo de alcançar os diversos estágios do protagonismo social.

5 Considerações Finais

Ao transcender e ressignificar a formação do bibliotecário para transformar e fortalecer sua atuação profissional se constrói uma trajetória, que requer o entendimento dos aspectos em torno do protagonismo social e a plenitude de um trabalho em conjunto com todos envolvidos no ensino da área. A introdução dos princípios do protagonismo social fortalece as ações e deve estar atrelado à oportunidade de possibilitar formas concretas, reais e legítimas de apropriação da informação, de empoderamento cultural e social. Obviamente não se tem controle ou poder sobre a informação, seja ela implícita ou explícita, mas pode-se desenvolver uma autoconsciência da relevância da informação para a dinamização do protagonismo, baseado na premissa de que só a partir de ações de ensino, pesquisa e extensão, e do entendimento de que não há autossuficiência em um trabalho dessa dimensão, que os sujeitos envolvidos podem se tornar protagonistas.

Diante desta perspectiva, concluímos que o perfil do bibliotecário protagonista apresenta as seguintes características: analisa as atividades desempenhadas, verificando o que pode ser executado de forma eficaz e eficiente em sua rotina para melhor atender aos usuários, e se satisfazer enquanto profissional, empreendendo para isso ações de intervenção visando que os usuários tenham qualidade nas respostas às pesquisas solicitadas, e que, paulatinamente, compreendam a necessidade de se empoderarem das informações que lhe são disseminadas, e se tornem cada vez mais autônomos na busca e no acesso à informação. Anterior a isso, o bibliotecário deve ter a clareza de que suas competências devem ser potencializadas em um movimento dinâmico e constante, como desenvolvedores de significados e práticas sociais.

Ser um bibliotecário protagonista exige deste profissional coragem, capacidade e decisão para expressar seus desejos e suas ideias, mantendo e expandindo sua identidade cultural, compreendendo a realidade social que o cerca e as relações/laços que constituem seu mundo e o mundo dos usuários. Para que tudo isso aconteça, o bibliotecário precisa se aprofundar no conhecimento de sua área, nos princípios gerais e nas especificidades de sua profissão, fazendo leitura de contexto e de mundo, se especializando para realizar seu papel social frente ao usuário, o qual também pode chegar ao protagonismo. Nesse movimento, o bibliotecário, ao ser protagonista na história do seu tempo e da sua profissão, ajuda ao usuário quando desempenha a função de multiplicador do protagonismo, ou seja, é pensar no outro, colocando em prática o conceito da alteridade de se ver no outro.

Referências

- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Report of the Presidential Committee on information literacy**: Final report. 10/01/1989. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/nili/ililt1st.html> Acesso em: 10 nov. 2017.
- BELLUZZO, R. C. B. **Construção de mapas**: desenvolvendo competências em informação e comunicação. 2. ed. revista e ampliada. Bauru: Cá Entre Nós, 2007.
- BRASIL. CNE/CES. **Resolução 19/2002**. Diretrizes curriculares para os cursos de Biblioteconomia. Disponível em: <http://mec.gov.br> Acesso em: 12 dez. 2017.
- BRUCE, C. **The seven faces of information literacy**. Adelaide: Auslib Press, 1997. p.110-151.

- DUDZIAK, E. A. Competência em Informação: melhores práticas educacionais voltadas para a Information Literacy. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21, jul. 2005, Curitiba, PR. **Anais...** Curitiba: FEBAB, 2005. 1 CD-ROM.
- _____. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010019652003000100003&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 10 abr. 2018.
- FARIAS, M. G. G.; VARELA, A. V. La mediación de la ainformación y el protagonismo social: experimentando la construcción de un modelo en una comunidad brasileña. **Investigación Bibliotecológica: archivonomía, bibliotecología e información**, v. 31, n.71, p. 91-110, 2017. Disponível em: <http://rev-ib.unam.mx/ib/index.php/ib/article/view/57848/51862> Acesso em: 04 jun. 2018.
- FARIAS, M. G. G. **Análise da produção, implementação e avaliação de um modelo de mediação da informação no contexto de uma comunidade urbana**. Salvador, 2014. 283 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da Informação, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/16851/1/Tese-Maria%20Giovanna%20Guedes%20Farias.pdf> Acesso em: 04 jun. 2018.
- FERES, G. G.; BELLUZZO, R. C. B. Competência em informação: um diferencial da qualidade em publicações científicas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Nova Série, São Paulo, v.5, n.1/2, p. 70-83, jan./dez., 2009. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/143/149> Acesso em: 04 jun. 2018.
- FONTANA, E.; FONTANA, N.; GAGO, V.; SANTUCHO, M.; SCOLNIK, S.; SZTULWARK, D. **Argentina, Apuntes para el nuevo protagonismo social**. Buenos Aires: Ediciones de mano en mano, Colectivo Situaciones, 2002.
- HABERMAS, J. **Agir comunicativo e razão destranscendentalizada**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.
- KLEIN, O. J. Para compreender o protagonismo social na construção do telejornalismo em rede. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXII, 2009, Curitiba. **Anais...**, Curitiba: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2009. Disponível em: <http://www.inpecc.pro.br/media/uploads/pesquisas/r4-2268-1.pdf> Acesso em: 04 jun. 2018.
- KUHLTHAU, C. C. O papel da biblioteca escolar no processo de aprendizagem. In: VIANNA, M. M.; CAMPELLO, B.; MOURA, V. H. V. **Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica**. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 9-14.
- LE BOTERF, G. **Desenvolvendo a competência dos profissionais**. 3. ed. rev. ampl. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- LUIZ, D. E. C. Capacitação e emancipação: uma relação possível. **Revista Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 8 n.1 p. 68-88. jan./jun., 2009. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/5675/4128> Acesso em: 04 jun. 2018.
- MARTELETO, R. M.; VALLA, V. V. Informação e educação popular: o conhecimento social no campo da saúde. **Perspectivas em Ciência da Informação**. Belo Horizonte, n. esp., p. 8-21, jul./dez. 2003. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/viewFile/648/721>. Acesso em: 28 mar. 2018.
- ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO – OCDE. **Habilidades y competencias del siglo XXI para los aprendices del nuevo milenio en los países de la OCDE**. España. Ministerio de Educación, Cultura y Deporte. Instituto de Tecnologías Educativas. 2006. Disponível em: www.ite.educación.es Acesso em: 21 abr. 2018.
- PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In: LARA, M. L. G. de; FUJINO, A.; NORONHA, D. P. (Orgs.). **Informação e contemporaneidade: perspectivas**. Recife: Néctar, 2007. p. 47-96.
- RAMOS, M. N. **A pedagogia das competências: autonomia ou adaptação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- ROCHA, M. M. V.; ARAÚJO, E. A. Competência informacional: perfil dos profissionais da informação – bibliotecário de instituições de ensino superior privado do município de João Pessoa. In: DUARTE, E. N.; SILVA, A. K. A. (org.) **Gestão de unidades de informação: teoria e prática**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007. p. 309-323.
- TARAPANOFF, K. Informação, conhecimento e inteligência em corporações: relações e complementaridade. In: _____ (Org.) **Inteligência, informação e conhecimento**. Brasília: IBICT, 2006. cap. 1, p. 19-35.
- VARELA, A. A.; BARBOSA, A. L. M.; FARIAS, M.G.G. Desenvolvimento de competências informacionais, científicas e tecnológicas: responsabilidade do ensino superior com parceria entre a docência e a biblioteca. In: BELLUZZO, Regina Celia Baptista; FERES, Glória Georges (Org.). **Competência em informação: de reflexões às lições aprendidas**. São Paulo: Febab, 2013, p. 169-202.
- VARELA, A. V.; BARBOSA, M. L. A. The Complexity of Finding Information in Collaborative Information Systems: Cognitive Needs. In: CURRÁS, E.; ROMERO, N. L. (Org.). **Systems Science and Collaborative Information Systems: Theories, Practices and New Research**. 1ed. Hershey PA - Estados Unidos: IGI Global, 2012, v. 1, p. 87-120.
- _____. Estilos de aprendizagem e o ensino superior: potencializando a atitude científica. In: Daniela Melaré Vieira Barros. (Org.). **Estilos de Aprendizagem na Atualidade**. Lisboa: Universidade Aberta-Portugal, 2011, v. 1, p. 1-17.

Dados dos autores

Maria Giovanna Guedes Farias

Doutora em Ciência da Informação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), com período sanduíche na Università della Calabria (Unical) na Itália, fomentado pela Capes. Mestre em Ciência da Informação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduada em Comunicação Social, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Curso de especialização em Marketing e Novas Mídias promovido pelo Umweltzentrum des Handwerkskammer Trier - Alemanha. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) e do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Líder do Grupo de Pesquisa Competência e Mediação em Ambientes de Informação/UFC. Integra o Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos em Mediação, Apropriação e Gestão da Informação e do Conhecimento/UFS, e tem experiência nas áreas de Mediação da Informação, Competência em informação, Serviços de Informação, Assessoria de Imprensa e Redação de Revistas e Jornais. Editora do periódico científico 'Informação em Pauta'.

mgiovannaquedes@gmail.com

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3383299470190507>

Aida Varela Varela

Doutora e Mestre em Ciência da Informação, pela Universidade de Brasília (UnB). Licenciada em Letras, Universidade Federal da Bahia (UFBA) e em Pedagogia, pela Faculdade de Educação da Bahia (FEBA). Graduada em Serviço Social, pela Universidade Católica do Salvador (UCSal). Especialista em Educação de Adultos, pela University of British Columbia (UBC); Educação Continuada e à Distância, pela Universidade de Brasília (UnB). Professora Associado II do Instituto de Ciência da Informação (ICI) da Universidade Federal da Bahia. Foi chefe do Departamento de Fundamentos e Processos da Informação (DFPI) (2007-2009), vice-diretora do ICI (2006-2009) e vice-coordenadora do PPGCI/UFBA (2008-2012). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da UFBA. Coordena o grupo de pesquisa: Ciência da Informação: Cognição, Mediação e Construção do Conhecimento, desenvolvendo atividades sobre o uso de ferramentas cognitivas, compreensão da construção do conhecimento no processo de apreensão da informação, interação e mediação cognitiva e estrutural no processo de aquisição do conhecimento. Coordenadora do GT6 do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (Enancib) gestão 2012-2014. Representante do ICI/UFBA no Conselho Acadêmico de Ensino (CAE/UFBA).

varela1946@hotmail.com

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8203377212170649>



Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Mestrado Profissional em Biblioteconomia

Este periódico é uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB) da [Universidade Federal do Cariri](http://www.ufca.edu.br) em formato digital e periodicidade semestral.